

Brasil quer pagar mas não pode, diz Zélia

CORREIO BRAZILIENSE

Washington — Depois de ver a estratégia de negociação externa brasileira submetida a um pesado bombardeio pelos países ricos durante o fim de semana, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, assumiu ontem um tom mais defensivo. A ministra, que na véspera respondera às pressões com um duro discurso perante o Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional, disse ontem que estava engajada numa “missão pedagógica”, para explicar as dificuldades do País para pagar os juros atrasados da dívida externa. “Precisa mudar a imagem. Existe uma imagem no exterior de que o Brasil é um país riquíssimo, que pode pagar mas não quer fazê-lo. O Brasil quer pagar, mas não pode pagar”, afirmou Zélia. “Estou mostrando os nossos números. Há uma falta de compreensão muito grande sobre os números”, acrescentou.

Paralelamente, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, iniciou uma série de consultas com representantes das nações industrializadas, numa tentativa de conter danos e recolocar o acor-

do do Brasil com o FMI nos trilhos da aprovação pela diretoria da instituição. O diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, reiterou ontem que precisa estar convencido de que as negociações do Brasil com os bancos estão firmemente lançadas e têm “boas perspectivas de solução satisfatória” antes de ativar o processo de aprovação do programa econômico.

Eris reuniu-se com altos funcionários dos bancos centrais e ministérios das finanças dos países do Grupo dos dez (os sete mais ricos mais Holanda, Bélgica, Suíça e Suécia). No encontro, organizado pelo presidente do Banco da França (e ex-diretor do FMI) Jacques de Larosiére, o presidente do BC falou da disposição brasileira de negociar com os bancos, mas explicou as limitações da capacidade de pagamento do País. Segundo uma fonte de um dos governos presentes à reunião, a mensagem transmitida a Eris é que o Brasil “não perca a oportunidade do encontro com o comitê de bancos” (previsto para o próximo dia 10).

O presidente do Deutsche

Bank, Hilmar Kopper, afirmou ontem que “se o Brasil e outros países em situação similar não retomarem os pagamentos de juros e demonstrarem sua disposição de cooperar, negociações sobre o rescalonamento de débitos não serão oportunas por causa de sua flagrante quebra de contrato”. Willard Butcher, o presidente do Chase Manhattan Bank, insistiu no mesmo ponto. Butcher, um dos vários banqueiros com quem o negociador da dívida, Jório Dauster, manteve contatos, ontem afirmou que “o importante é que o Brasil comece a negociar com os bancos de uma maneira sensata e retome os pagamentos de juros. Um país que está com um saldo comercial e 15 bilhões de dólares não pode afirmar que não tem como pagar juros”.

Segundo fontes bem informadas, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, deve reunir-se com o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, como parte das articulações iniciadas para preparar um início seguro das conversas com os bancos credores, no dia 10. (AE)